

# Pegadas do artista com muitas idéias

Em mostra que fica até 14 de dezembro em Paris, José Damasceno retoma suas fixações

Deborah Berlinck

Correspondente • PARIS

O artista carioca José Damasceno é uma das atrações do Festival de Outono de Paris — um dos maiores eventos culturais da cidade, que reúne até 22 dezembro artistas de todas as áreas: pintura, cinema, escultura, dança, vídeos, instalações. Sua mostra, inaugurada no fim de semana no Espace Topographie de l'Art, no Marais, tem quatro trabalhos e vai até 14 de dezembro.

A peça central da mostra de Paris é a recriação de uma obra que ele apresentou na Bienal de São Paulo de 2002, chamada "Projeção", poucos meses após ter sofrido um grave acidente de carro. "Projeção" reproduz uma sala de cinema, com pegadas de papel colorido espalhadas no chão e nas cadeiras — o que dá a sensação de que algo se passou antes, durante e depois da projeção. Ele usou as cadeiras de veludo vermelho do Teatro Odeon, em Paris, e uma tonalada e meia de revistas francesas para produzir as pegadas.

— Você está diante de algo sobre o qual precisa pensar e se pergunta: "O que está acontecendo aqui?" — explica ele.

## Pegadas já tinham sido usadas em outros trabalhos

Damasceno está mais satisfeito com a produção parisiense do que com a "Projeção" da Bienal de São Paulo. A começar pelo detalhe: ninguém em Paris tocou no seu trabalho. Em São Paulo, o público achou que podia brincar com cinco toneladas de revistas cortadas na forma de pegadas (quantidade quase cinco vezes maior do que a de Paris).

— As pessoas enlouqueceram. Jogaram tudo para o alto. Era uma interação que não estava prevista. Interferiram de



JOSÉ DAMASCENO posa em frente à obra "Projeção", um dos quatro trabalhos de sua exposição no Espace Topographie de l'Art, em Paris

uma forma de que não gostei — diz Damasceno, para quem esse tipo de interação com o público é um equívoco.

Pegadas estão presentes em outros trabalhos do artista. Em 2006, ele criou para a sua primeira mostra individual em Londres a obra "Dance floor (step by step)", com pegadas de mármore. De onde surgiu a idéia das pegadas?

— Boa pergunta. Não sei ao certo. Tem coisas que surgem nos meus estudos, nas minhas anotações. Mesmo não sabendo porquê, crio sistemas, regras e todo um contexto. Num dado momento, vou me dando conta da recorrência da idéia no trabalho e isso vai se constituir num campo — explica.

Participar do Festival de Outono em Paris está tendo um significado especial para Da-

masceno. A primeira vez que saiu do Brasil como artista foi para vir a Paris, participar do Prêmio da Unesco para Promoção da Arte. E nunca mais voltou. Chegou a ser convidado para produzir uma mostra em Bordeaux, em 2001, mas o acidente o impediu. A França parecia ter ficado fora da rota. Damasceno é conhecido e expõe regularmente na Inglaterra, em Portugal, nos EUA e, sobretudo, na Espanha, onde produziu, no início deste ano, uma mostra monumental no Reina Sofia, em Madri.

Sua passagem por Paris em 1995 foi uma aventura: percorreu sozinho pedreiras, pegou carona com caminhoneiro, vasculhou entulhos da Unesco para produzir a obra "Solilóquio". E ainda foi à alfândega francesa negociar para retirar

a parte essencial da obra: uma mesa e duas cadeiras, especialmente construídas para agüentar o peso de concreto.

— Estar aqui agora representa um momento muito interessante, bom e rico. Posso me dedicar inteiramente a uma exposição inédita — diz.

Além de "Projeção", Damasceno criou para Paris "Cinema elástico", que parece ramificação de uma árvore, só que feita com elásticos. É a seqüência de um trabalho com elásticos que montou em São Paulo, em 1997. Também produziu um "Organograma", trabalho que desenvolve desde 1997 — pendurou do teto ao chão da galeria dados com as inscrições *hier* (ontem), *aujourd'hui* (hoje) e *demain* (amanhã). Na sua primeira mostra individual em Londres, em 2006, ele

também criou um Organograma, imprimindo na parede *yesterday, today e tomorrow*. E para a mostra do Reina Sofia, na Espanha, instalou na fachada um Organograma luminoso com *ayer, hoy e mañana*.

A quarta peça da mostra de Paris é intrigante: ele instalou numa prateleira na parede um vaso, que pode ter sido parte da decoração de um mausoléu. Ao lado do vaso, produziu um quadro com o desenho de três nuvens iguais às que saem da cabeça de um personagem de uma história em quadrinho. Na última nuvem está escrita a palavra *Acte* (Ato). Ele tinha esse título na cabeça antes de produzir a peça. E confessa que tem uma coleção de títulos sem obra, que vai usando na medida em que surge uma criação. ■